Tombamento do sobrado do Dr. José Lourenço

José Liberal de Castro (*)

Este trabalho reproduz o texto da solicitação endereçada, pelo autor, à Secretaria de Estado da Cultura, em favor de se examinar a possibilidade de vir a ser inscrita, nos Livros de Tombo do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, a edificação localizada na rua Major Facundo, nºs. 154/156, em Fortaleza, mais conhecida como **Sobrado do Dr. José Lourenço**.

O pleito amparou-se nos seguintes fatos:

- Evidente mérito arquitetônico da edificação.
- Valioso exemplar remanescente de uma tipologia arquitetônica quase desaparecida na cidade.
- Precariedade na conservação do imóvel.
- Referência para a história judiciária do Ceará.
- Recentes entendimentos feitos para aquisição do imóvel pelo Governo Estadual, sem dúvida, em face das razões acima arroladas.

Como justificação do pedido, o autor permitiu-se oferecer informações específicas, concernentes aos tópicos que acima relacionados, todavia, algumas vezes interpenetrados e desenvolvidos em ordem diversa daquela com que foram há pouco expostos.

* * *

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

1 Tipologias edificatórias e contextualização urbana

Antes das considerações diretamente correlacionadas com a instrução do processo de tombamento do sobrado do Dr. José Lourenço, parece necessário se façam sucintos comentários em busca de inserir a edificação no contexto urbano, físico e social da Fortaleza oitocentista. Deste modo, o texto faz particular referência à tipologia arquitetônica denominada *sobrado* e à vertente estilística conhecida por *neoclassicismo*, termo este nem sempre acolhido de modo consensual pelos estudiosos na matéria.

Os sobrados

Os sobrados integram uma tipologia arquitetônica brasileira originada no período colonial. Ainda mantinham franca aceitação no último quartel do século XIX, particularmente em aglomerações urbanas interioranas, onde, por mero arcaísmo, continuaram a ser construídos. Atendiam à dupla função de pontos comerciais, no térreo, e de morada, no pavimento ou nos pavimentos superiores. Símbolos de uma sociedade patriarcal, os sobrados conferiam especial referência aos seus proprietários e às próprias localidades onde se erguiam.

Apreciados *stricto sensu*, os sobrados compreendiam edificações situadas nos centros das cidades, embora, excepcionalmente e por prestígio da tipologia, fossem erguidos até em áreas rurais, caso em que, nas mais das vezes, se apresentavam como variantes nem sempre fiéis aos modelos canônicos. Em quaisquer casos, desde que contasse com dois ou mais pavimentos, a edificação era tida popularmente como "sobrado", mesmo quando exercia funções unicamente residenciais.

Nas cidades pequenas, as atividades urbanas sempre se misturaram pacificamente, permitindo convivessem, em um mesmo espaço, o reduzido comércio, a administração pública e as moradas das diversas camadas sociais. A ampliação das cidades redundou, todavia, no gradativo aparecimento de trechos dedicados unicamente ao comércio e demais extensões nos ramos

dos serviços. A concentração dessas atividades em setores específicos favoreceu o aparecimento de áreas barulhentas e congestionadas, por vezes sujas, provocando a paulatina expulsão dos moradores integrantes das camadas de maior poder econômico, detentoras de posições sociais elevadas. O gradual arrefecimento de suas prestigiosas funções originais conduziu os sobrados inexoravelmente à decadência, na medida em que não se tornou possível adaptar de todo os espaços de seus pavimentos superiores a novas funções urbanas não residenciais, decorrentes do próprio crescimento das cidades.

Deste modo, já nas décadas finais do século XIX, as pessoas de posses passaram a demonstrar preferência por construir em lotes situados no contorno das zonas centrais, abandonando o centro das cidades, maciçamente invadido pelo comércio. Residir em sobrados perdeu o significado antigo, substituídos que foram, a pouco e pouco, por novas tipologias. Primeiro, deram lugar às casas ditas de porão alto. A estas, por sua vez, sucederam as casas de porão baixo e, na primeira metade do século XX, encontraram geral colhida os chamados bangalôs. Vale todavia lembrar que, desde longa data, morar fora dos centros urbanos constituía a predileção de alguns segmentos mais abastados, habitantes de chácaras e chalés implantados em pontos urbanos distantes.

Os sobrados fortalezenses

Os primeiros sobrados fortalezenses devem datar do começo do século XIX, provavelmente dos anos 20 ou até um poucos anos antes. Koster, que visitou a vila em 1811, afirmava haver deparado apenas casas térreas (KOSTER,1816:113), ao contrário do que vira no Aracati, onde havia sobrados construídos para enfrentar as cheias do Jaguaribe. Certamente, ao se referir à vila do Forte, esquecia a zona da praia, onde se erguia um "sobradinho", como aparece assinalado na planta elaborada pelo capitão de fragata Francisco Antônio Marques Giraldes, datada de 1810 (CASTRO, 1997: 38-44, 46-54).

De qualquer modo, edificações que já traduziam de modo inequívoco a tipologia característica dos sobrados começaram a ser erguidas depois da década de 1820, avultando dois deles construídos na futura praça do Ferreira, pertencentes aos comerciantes portugueses José Antônio Machado e Francisco José Pacheco de Medeiros, o Pachecão. O primeiro, demolido em 1928, deu lugar ao Excelsior Hotel. O último foi logo vendido à Câmara Municipal, que o utilizou como sua sede, até se incendiarem as lojas dos fundos, levantadas no antigo quintal da casa, o que levou à demolição do conjunto em meados dos anos 40, já no século XX.

O desenvolvimento material conhecido pela cidade na segunda metade dos oitocentos aumentou-lhe o número de sobrados, de tal sorte que em 1887 perfaziam um conjunto de 72 exemplares, assim contados pelo Barão de Studart (STUDART, 1896: 355), e estimados em mais de uma centena, no início do século XX.

Variações temporais na forma dos sobrados fortalezenses

Não há como afirmar categoricamente que os sobrados fortalezense possuíam feições próprias. Apresentavam-se invariavelmente com dois pavimentos, embora houvesse exceções, como era o caso do sobrado do Dr. José Lourenço. Conquanto observassem, é claro, as linhas gerais da tipologia, comuns no País, de norte a sul, pairam interrogações quanto a certas variantes morfológicas locais, talvez eventualmente condicionadas pelo relevo plano e pelo traçado em xadrez característico da cidade. Essa pressuposição, convém ressalvar, não se estende ao território cearense como um todo, pois os sobrados jaguaribanos mantinham evidente correlação formal com matrizes pernambucanas.

Sem dúvida, foge aos objetivos deste pleito discutir possíveis influências diretas ou indiretas sobre arquitetura, quaisquer que sejam, mas deve ser lembrada a forte influência portuguesa exercida em boa parte do século XIX na vida de uma pequena Fortaleza em vias de expansão. No caso das edificações de maior

vulto, tanto se manifestava por intervenção dos proprietários como dos construtores, lusitanos em maioria. Essa hipótese não pretende assegurar que houvesse similitude formal entre os sobrados fortalezenses com a morada urbana portuguesa do período, aliás, bastante variada. Admite-se, isto sim, que a presença de imigrantes, ainda impregnados de restos de superioridade reinol, talvez pudesse ter servido de barreira à importação direta de padrões arquitetônicos usuais em regiões vizinhas, embora sem favorecer a criação de linguagem própria local. Com efeito, os sobrados fortalezenses não pareciam reproduzir modelos geograficamente próximos, em particular os do Recife ou de São Luís do Maranhão, que já haviam conhecido acentuado desenvolvimento urbano desde dias bem anteriores, cidades e cujas edificações residenciais exibiam marca inconfundível.

Os sobrados fortalezenses da primeira metade do século XIX se caracterizavam pelo aspecto pesado, com predominância dos cheios sobre os vazios, janelas com guarda-corpos maciços, folhas das esquadrias cegas, pisos do rés-do-chão pavimentados com tijolos e pisos dos andares superiores resolvidos com pranchas de madeira pouco aparelhadas, apoiadas em travejamento de linhas mal falquejadas ou de carnaúba. Entretanto, já nessa época, os sobrados e casas de esquina optavam por sistema de coberta em quatro águas (às vezes, de três águas), contrapondo-se desde cedo às elevadas empenas, levantadas sobre as ruas laterais, comuns nos exemplares interioranos. Esta solução formal, de oitões de meação, também se verificava na Capital, entretanto, nos sobrados erguidos em lotes de meio de quarteirão, entalados entre as divisas de terceiros.

Nas edificações residenciais não localizadas em esquinas, era raro, raríssimo, o emprego de cobertas prismáticas de quatro faces, tecnicamente mais complicadas, embora habituais nas casas de câmara e cadeia e em casas rurais. A aposição de um telhado de quatro águas no sobrado do Dr. José Lourenço, situado em meio de quarteirão, figura, portanto, como proposta incomum e que exigirá oportunamente os esclarecimentos devidos.

O recurso às soluções de quatro águas, impõe-se ressaltar, veio a atender com facilidade à introdução das platibandas de contorno às fachadas, no alto, postas em moda na segunda metade dos oitocentos, tanto por atualização estética como por determinação das posturas municipais. Entretanto, criava eventuais problemas para vazão das águas pluviais, coletadas em longas calhas periféricas e lançadas, na rua ou nos quintais, por meio de gárgulas. Tais empecilhos, contudo, não importunavam os prédios de esquinas, cujas cobertas vertiam sobre a via pública, diretamente das beiradas.

O emprego das platibandas passa então a figurar como uma referência de modernidade, almejada por todos, mas não se pode precisar a datação das obras por via da introdução desse elemento construtivo, visto que velhas casas e sobrados construídos nos começos dos oitocentos logo substituíram suas beiradas de beira e bica e de beira sobeira pelas platibandas inovadoras.

Vale contudo lembrar que a "modernização" da arquitetura dos anos centrais do século XIX, evidente no sobrado do Dr. José Lourenço, não se cingirá unicamente ao uso de platibandas ou de vergas de arco pleno. Haverá de recorrer a outras inovações materiais diferenciadoras, como o emprego de acabamentos mais cuidados, particularmente nas madeiras, e de elementos decorativos. Em meados dos oitocentos, a introdução das máquinas movidas por energia a vapor, proporcionando a mecanização das tarefas, incipiente quer fosse, alterou as técnicas de produção, não apenas no aperfeiçoamento dos trabalhos de carpintaria e de marcenaria, mas no tratamento decorativo dos gradis de ferro aplicados nas sacadas e nas vergas, além do uso do vidro. Esses materiais antigos, porém renovados em suas versões industrializadas, bem como as posturas municipais correlacionadas com a melhoria das condições de higiene da habitação, redundaram no aumento do número de vãos das fachadas e de suas dimensões, reduzindo os cheios das paredes e dando às obras da segunda metade do século XIX, aos sobrados e à morada em geral, um aspecto mais leve, mais aberto, mais alegre, mais elegante, contraposto ao ar pesado e sonolento das edificações do período anterior.

O sobrado do Dr. José Lourenço integra esse tempo de novidades arquitetônicas, comentadas de modo objetivo um pouco adiante, em tópico pertinente.

2 Estética dos sobrados: o neoclassicismo e suas variantes nacionais

Neste texto, até agora, foram feitas alusões à forma dos sobrados, preferencialmente referidas à volumetria e a alguns de seus aspectos formais visíveis. A essas marcas características, devem porém ser acrescentadas as inovações estéticas que, na ocasião, entram em voga no País sob a denominação genérica de contribuições neoclássicas. Conquanto não sigam propriamente uma linearidade cronológica, pode-se dizer que as novidades já transpareciam em obras de Paulet, no começo do século XIX, embora esporádicas e meio encobertas. Entretanto, na primeira década da segunda metade dos oitocentos, ganham definitivo beneplácito oficial, tendo como referências de alto significado, no campo das obras governamentais, o edifício da Cadeia Pública, projetado em 1850 pelo 1º. tenente de engenheiros Manuel Gouveia Filho, e a sede da Assembléia Provincial, começada em 1857, segundo projeto de Adolfo Herbster. Nesse período, no setor das obras privadas, avulta o sobrado do Dr. José Lourenço, não apenas em termos estilísticos, por se filiar às correntes convencionalmente denominadas neoclássicas, então postas em voga, mas, sem dúvida, por constituir um dos mais valiosos exemplares remanescentes de uma tipologia arquitetônica hoje quase desaparecida na cidade.

O neoclassicismo no Brasil

Não faz sentido, nesta solicitação de tombamento, tratar das origens, das aspirações, das proposições espaciais e estéticas do neoclassicismo, as quais, em sua versão européia original, referem uma tentativa de reproduzir realizações da antiguidade clássica. Traduziam, de certo modo, um desejo de absorção e de

reelaboração artística da obras canônicas da civilização greco-romana, resultando em empreendimento de difícil ou até de impossível consecução...

As primeiras manifestações do neoclassicismo, termo aliás criado posteriormente, remontam à segunda metade do século XVIII, particularmente na França, impregnadas de contestação a certas liberdades formais patentes nas obras datadas do reinado de Luís XV. Preconizando, portanto, a retomada de normas estéticas atemporais, transcritas de um passado clássico distante, valorizava a clareza geométrica das composições, embora preservasse a graça e a elegância das realizações do rococó. Sobre o mais, a recente descoberta das ruínas de Pompéia passava a fornecer agora sugestões amparadas em realizações autênticas.

A ascensão da burguesia não interrompeu o direcionamento estilístico que vinha prevalecendo, pois a nova classe vitoriosa, embora procurasse conduzir-se segundo as novas relações de poder, continuou recorrendo, sempre que possível, à estética neoclássica, aliás vista como um modo de nobilitação aristocrática...

Por estas e por tantas outras razões, comparativamente com as matrizes do Velho Mundo, não se pode com rigor falar de uma arquitetura neoclássica brasileira, muito menos, em estilo neoclássico brasileiro. Esse distanciamento das origens, ditado pela geografia e pela história, torna-se patente quando a apreciação enfoca edificações residenciais nas províncias. Consoante terminologias de lingüística, poder-se-ia afirmar que, no caso, prevalecem palavras e não frases, já que as obras não se expressam exatamente por meio uma sintaxe neoclássica conseqüente. Na verdade, mais se caracterizam pela adoção de um léxico neoclássico, ou melhor, pelo emprego de um vocabulário de vertente neoclássica, escolhido ao gosto do projetista.

A propósito, em termos de arquitetura residencial urbana, basta lembrar que uma das marcas da sintaxe arquitetônica neoclássica, quer dizer, a fidelidade aos princípios das plantas e fachadas riscadas sob rígida simetria a um sistema de eixos de composição, jamais poderia ser cumprida na maioria dos sobrados brasileiros, erguidos em terrenos relativamente estreitos, com entradas e escadas coladas junto das divisas das casas vizinhas.

As correntes brasileiras ditas neoclássicas, particularmente nas províncias, participam, portanto, de um ciclo de realizações que, de modo geral, se identificam pelo emprego de um vocabulário arquitetônico conciso e severo difundido por todo o país, pelos membros do Imperial Corpo de Engenheiros, antigos alunos dos cursos de construção civil da Academia Militar Imperial. O Curso de Arquitetura da Academia Imperial de Belas Artes também figurava como fonte paralela de ensino e de produção arquitetônica, mas não se transformou propriamente em centro de divulgação nacional, posto que sua ação, a serviço da Casa Imperial e de seu *entourage*, ficou mais restrita à Corte, no Rio de Janeiro.

As diferenças de campos de ação entre essas duas fontes de elaboração do neoclassicismo brasileiro vão aqui ressaltadas pelas especulações que podem ser formuladas quanto às origens supositícias de determinadas soluções estéticas do sobrado do Dr. José Lourenço.

* * *

O tempo e o prestígio das fontes emissoras generalizaram a aceitação neoclássica no Brasil do século XIX, com ampla acolhida na arquitetura residencial, inclusive nas obras de cunho popular. Neste ponto, vale ressaltar, atendiam muitas vezes a imposições das posturas municipais, conjunto de normas que, de certo modo, obrigavam direta e indiretamente o emprego de elementos extraídos de um glossário formal neoclássico específico.

Mutações espaciais e formais na arquitetura brasileira do século XIX

Apresentadas considerações sobre o neoclassicismo e seus reflexos no Brasil, parece consentâneo tratar dos espaços dos sobrados e suas inter-relações, bem como de algumas mutações formais observadas no transcorrer do século XIX. A aceitação cada vez mais evidente de uma arquitetura de viés neoclássico

conferiu aos sobrados e ao casario em geral um porte mais elegante, traduzido por certa aparência verticalizada das fachadas, nascida do estreitamento dos mainéis, da padronização dos vãos, exigida pelos códigos de posturas, e do aumento dos pés direitos. Deste modo, comparando-se a aparência das edificações da metade inicial do século, bastante pesadas, com as da segunda metade, já mais leves, estas últimas também se distinguem morfologicamente pela aplicação de um léxico neoclássico bem característico (apenas de um léxico, repita-se).

De modo comum, nessa arquitetura tantas vezes de forte expressão popular, destaca-se o uso sistemático de janelas de rasgo, com folhas de caixilharia de vidro ou com painéis de venezianas, sempre arrematadas por padieiras de arco pleno, envolvendo bandeiras envidraçadas ou cegas. Janelas de rasgo, acrescente-se, defendidas por guarda-corpos lançados sobre sacadas singelas ou corridas, constituídos em gradis de ferro, conhecidos no Ceará e em outros lugares por varandas. A aplicação das vergas de arco pleno (conjuntamente com as platibandas), na verdade, tornou-se o indício formal identificador do neoclassicismo para o entendimento de amplos setores da população. Na definição das formas, também avultaram os cunhais salientes, encimados por pinhas ou vasos de coroamento e, principalmente, as platibandas, dispostas no alto, ao longo das fachadas, quase sempre maciças, às vezes decoradas ou, mais raro, em balaustradas, superpostas a cornijas pronunciadas. Já quase em meados do século, tornou-se comum a prática brasileira de se forrar as fachadas com revestimento azulejar, logo estendida a Portugal, enquanto, nas edificações residenciais que buscavam toques de elegância, as platibandas de frente se transformaram em frontões.

Tratamento formal semelhante ou mais refinado também ocorria, é claro, nos edifícios públicos, cuja implantação isolada permitia a reverência a modelos mais próximos da estética neoclássica difundida pela Corte Imperial, centro de intermediação com as fontes européias. Assim, em tais instâncias, de modo generoso mas contido, as obras ditas neoclássicas de vulto podiam recorrer à organização espacial formulada segundo eixos de

simetria e enobrecida com pórticos de acesso, como se vê no citado edifício da antiga Assembléia Provincial, hoje ocupado pelo Museu do Ceará.

No caso dos sobrados cearenses e também de outras paragens brasileiras, deve-se mais uma vez insistir em que a aparência neoclássica era epidérmica e não propriamente espacial. Por tal razão, do mesmo modo que muitas obras mais antigas se viram "modernizadas" com a simples aposição de vocábulos decorativos neoclássicos, outras obras, posteriores, já ditas neoclássicas, vestiram-se no último quartel dos oitocentos com roupagens neogóticas, roupagens neogóticas estas, por sua vez, recobertas pelas novidades propostas pelo figurino do ecletismo arquitetônico já em pleno século XX...

3 A figura do Doutor José Lourenço de Castro Silva

José Lourenço de Castro Silva nasceu no Aracati em 3 de agosto de 1805, filho do paraibano Manuel Lourenço da Silva e de Maria do Carmo Sabina de Castro Silva. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de estudar medicina, onde se diplomou, casando-se em 1838, naquela cidade, com Dª. Maria Amália de Brito e Castro. Bem cedo, passou a militar nas hostes do Partido Liberal, envolvendo-se na política da Província, ao mesmo tempo em que continuava clinicando em sua especialidade, a oftalmologia, e prestando serviços à comunidade em outros ramos de sua formação profissional.

Estas informações e outras mais foram colhidas no "Diccionário" do Barão de Studart (STUDART, 1913: 141-145), que oferece farta notícia sobre a vida do Dr. José Lourenço de Castro Silva. A longa resenha bibliográfica, também arrolada pelo Barão de Studart, registra trabalhos escritos no campo das duas linhas de ação que marcaram a vida do Dr. José Lourenço - a medicina e a política. Esta última, mais assoberbante, em face de sua condição de expoente da facção liberal, aparece referida em depoimentos pessoais que assumem particular interesse para a reconstituição do passado oitocentista cearense.

Para avaliação da figura do Dr. José Lourenço, afigura-se de melhor alvitre transcrever alguns trechos do verbete organizado por Studart:

> *Doutorado em medicina pela Academia Imperial do Rio de Janeiro, para onde seguira em fevereiro de 1829, foi o Dr. José Lourenço um dos mais notaveis discipulos de Hypocrates, que há contado o paiz. / Sua passagem pela Inspectoria de saude publica do Ceará e por nossos hospitaes deixou traços luminosos. / Nas epidemias de febre amarella e cholera-morbus foi o mais efficaz auxiliar da Presidencia, segundo vê-se de varios relatorios officiaes.*
>
> *Como politico, sua vida symbolisa entre nós a existencia do partido liberal, ao qual dedicou todo o ardor de sua juventude e a experiência e as luzes da edade madura: seu nome está ligado a todas as phases tempestuosas ou placidas dos negocios da província, que, desde 1838, sempre o encontrou inquebrantavel na tribuna ou na imprensa. Sua dedicação e apego ás idéas, que commungava, levaram-no até a lucta pelas armas, aos riscos da revolta. / Amnistiado e voltando ao seio da família continuou a prestar valiosos serviços á causa de seu partido, conseguindo a penas de innumeros sacrificios ser eleito deputado nos biennios de 1838-39. 1840-41, 1846-47, e figurar em uma lista senatorial em 1866.*
>
> *O Dr. José Lourenço foi Commendador da Ordem de Christo, por serviços prestados á instrucção publica (1871), Cirurgião-mór da Guarda Nacional, director de instrucção publica e lente de Francês do Lyceu Provincial, substituto do juiz de direito e municipal do termo de Fortaleza* (STUDART, 1913: 141-3)

O Dr. José Lourenço de Castro Silva faleceu em Fortaleza a 13 de agosto de 1874. Tinha um filho homônimo, nascido em 1844 e finado em 1881, também médico, diplomado na Bélgica, figura expressiva na vida da Província, que não deve ser confundido com o pai.

4 O sobrado do Dr. José Lourenço: tempo e espaço urbano

A arquitetura do sobrado do Dr. José Lourenço, constitui o motivo fundamental do presente pedido de tombamento do imóvel. A solicitação deve, portanto, fazer-se acompanhar de considerações objetivas, norteadas pela metodologia empregada nos estudos de História da Arquitetura, visando a uma análise dirigida para a apreciação de aspectos críticos e valorativos da edificação. Os tópicos anteriormente desenvolvidos objetivaram facilitar uma apreciação geral da matéria, tanto favorecendo o recurso do uso de referências remissivas como permitindo a apreciação objetiva da arquitetura do sobrado, tentada isoladamente.

Dificuldades no estabelecimento da data da construção do sobrado

As indicações concernentes à data de construção do sobrado do Dr. José Lourenço sem dúvida despertam interesse mas somente podem ser formuladas de modo conjetural, tal como aliás ocorre quando se consideram as edificações privadas fortalezenses daquela e das épocas posteriores. A inviabilidade de se precisar a época em que foram edificados, tanto o sobrado e como a maioria das edificações particulares da cidade, procede do fato de, até hoje, a Prefeitura Municipal (outrora, a Câmara Municipal) não reter em seus arquivos quaisquer desenhos ou informações complementares, relativos aos licenciamentos de obras. Essa escassez de dados também se repete em outras partes do País, pois foram poucas as cidades que preservaram seus velhos arquivos cadastrais. Entretanto, em muitas lugares, tornou-se comum registrar o ano de inauguração dos prédios no alto das fachadas, por vezes acompanhado de um monograma representativo das iniciais do nome do proprietário. Em Fortaleza, indicações de datas e monogramas aparecem excepcionalmente. Por tal razão, salvo à conta do acaso, não há como obter informações pertinentes à história das edificações, sabido que, por outra via, nada também se

pode obter dos descendentes dos antigos proprietários, seja em face do tempo decorrido, seja por desinteresse.

Provável data de construção do sobrado

Nesse contexto temporal nebuloso, sem dúvida, apenas se pode afirmar com segurança que a data da construção do sobrado se situa nos limites máximos definidos pelos anos de 1845 e de 1874, conforme esclarecimentos que se seguem.

O ano de 1845 consta como marco inicial porque, à época, o lado par do quarteirão da rua da Palma (Major Facundo), localizado entre as atuais ruas Castro e Silva e Senador Alencar, ainda não contava com sobrados. Ou melhor, assistia à construção de um sobrado, conforme assegura Outro Aramac, em artigo publicado em 1903: "*Lado ocidental - 5º [quarteirão] – (...) havia poucas casas, no centro estava um sobrado em obras, hoje cartório (...)*" (OUTRO ARAMAC, 1958: 235). Aramac é um anagrama de Câmara, provável pseudônimo sob o qual se disfarçava João Brígido.

Ainda de acordo com o texto de Outro Aramac, esse "sobrado, em obras" no ano de 1845, estava ocupado em 1903 por um "cartório" pertencente a Hermínio Barroso, pai de Gustavo Barroso. A posição do cartório, como bem o identificou Mozart Aderaldo (ADERALDO, 1959: 347-349), correspondia, porém, ao atual número 170, quer dizer, ficava dois lotes ao sul do futuro sobrado do Dr. José Lourenço, que porta os números 154 e 156. Consoante essas informações, conclui-se que em 1845 o sobrado do Dr. José Lourenço ainda não estava construído. Por outro lado, pode-se afirmar com segurança que já estava edificado em 1874, ano de falecimento do proprietário.

Este arco temporal relativamente amplo reduz-se bastante quando se recorre a uma informação colhida num trabalho de Ismael Pordeus, alusivo à numeração antiga das ruas de Fortaleza. Pordeus assinala ter o jornal *O Commercial* publicado em sua edição de 11 de Junho de 1854 uma relação dos "endereços dos médicos e das boticas", da qual consta: *Dr. José Lourenço de Castro e Sva – rua da Palma n. junto ao escritório de Pacheco e*

Mendes (PORDEUS, 1963 : 351). Conseqüentemente, à luz do que foi exposto, chega-se à conclusão de que o sobrado do Dr. José Lourenço foi construído depois de 1845 e antes de 1854.

Resta saber se o endereço citado em *O Commercial* designava o sobrado ou referia alguma casa onde o Dr. José Lourenço já morava, casa que poderia ter sido substituída posteriormente pelo sobrado. Apesar da análise formal da obra conduzir à confirmação da curta faixa cronológica acima enunciada, nada impede que oportunamente se venham fazer pesquisas documentais na busca de arrolar a seqüência de proprietários do lote e dirimir a dúvida.

Por outro lado, de modo complementar, as prospecções a que o sobrado deverá ser submetido, quando de obras de recuperação futuras, poderão oferecer eventuais esclarecimentos, já que muitas vezes os construtores apunham datas no madeiramento da coberta ou em partes pouco visíveis das edificações.

Inserção urbana do sobrado

O sobrado do Dr. José Lourenço, já foi dito, situa-se na rua Major Facundo números 154 e 156. As duas referências explicam-se pelo fato de que a primeira é feita à parte de uso comercial do sobrado e, a segunda, à entrada da residência, embora, no passado, somente figurasse o número 28, indicando as duas entradas.

Aceita como período de construção do sobrado a década de 1850, já nessa época e até ainda nos primeiros anos do século XX, a rua da Palma (Major Facundo) e a rua Formosa (Barão de Rio Branco) figuravam como vias preferidas para morada das pessoas de prestígio econômico e social da cidade. Em ambas, portanto, concentrava-se o grupo maior de sobrados fortalezenses, erguidos desde a rua Nova da Fortaleza (depois da Misericórdia e atual João Moreira) à Rua Municipal (Guilherme Rocha) ou um pouco mais adiante, talvez. Sem dúvida, havia mais sobrados dispersos pela cidade, muitos deles construídos na ruas da Pitombeira/Boa Vista (Floriano Peixoto) e na rua Amélia (Senador Pompeu). Esta última, todavia, ficava em zona ainda

pouco urbanizada, enquanto, parte da primeira via, embora mais central, conhecia deméritos sociais por tangenciar a praça Carolina, onde se implantavam o mercado municipal e as áreas de extensão de suas atividades. A aglomeração dos sobrados fortalezenses de certo modo acabou ficando restrita àquela parte da cidade visto as novas tipologias de habitação, que começaram a prosperar nas décadas finais do século XIX, vieram-se a desenvolver em outros espaços urbanos de rápida valorização, quer em busca do sul quer em procura do oeste, beneficiados com nova aparência urbana nascida do contínuo e rigoroso alinhamento das casas, que se erguiam em ruas até então mal delineadas, e ajudados com a pavimentação dos espaços públicos.

A localização conspícua do sobrado do Dr. José Lourenço na Fortaleza oitocentista pode ser percebida pelo ponto focal que hoje ocupa no reduzido conjunto de arquitetura antiga ainda remanescente. A planta de situação, anexada ao processo, comprova claramente a assertiva, reforçando o pedido de tombamento, pois o sobrado desfruta de excepcional posição, podendo transformar-se em ponto de parada nos roteiros de caminhamento propostos para visitas ao centro da cidade.

Posteriores ocupações do sobrado

Em 3 de fevereiro de 1874, a cidade viu instalar-se o Tribunal da Relação da Fortaleza, repartição judicial hoje correspondente ao Tribunal de Justiça do Estado. Nesse mesmo ano, o Dr. José Lourenço faleceu, de sorte que, logo em seguida, em 1875, a família alugou o sobrado ao Tribunal da Relação, que o ocupou, não se sabe exatamente por quanto tempo. Por volta de 1895, no térreo, funcionava a Junta Comercial (BEZERRA, 1895: 288), e Raimundo Girão, sem precisar o período, afirma que no sobrado funcionou a Fênix Caixeiral (GIRÃO, 1992: 226), associação fundada em 1891, cuja sede própria foi inaugurada em 1904. Sem entrar em pormenores, Mozart Aderaldo também assegura que no sobrado esteve instalada "por pouco tempo a Prefeitura Municipal de Fortaleza" (ADERALDO, 1959: 346-7).

Pos tais referências, conclui-se que após o falecimento do Dr. José Lourenço o imóvel não voltou a abrigar vida familiar, ficando desde então privado de uma de suas funções básicas originais.

Pesquisas em cartórios poderiam ser tentadas a fim de relacionar os posteriores proprietários e ocupantes do sobrado. Constituiriam tarefa cansativa e talvez sem êxito, a qual, ao fim e ao cabo, viria apenas saciar uma curiosidade, sem quaisquer reflexos objetivos em favor do enriquecimento do processo de tombamento e da futura recuperação do imóvel.

De qualquer modo, pode-se ponderar que na primeira década do século XX e, com maior ênfase, nos decênios consecutivos, boa parte da área central da cidade passou a perder gradativamente suas funções residências, deixando de acolher segmentos fortalezenses de importância social e econômica. Por tal razão, boa parte dos andares superiores dos velhos sobrados ficava desocupada, sem funções explícitas compatíveis com suas dimensões, enquanto os pavimentos térreos continuavam solicitados e cada vez mais valorizados pelo uso comercial. Logo, porém, os proprietários perceberam que seria rentável alugar as partes altas para atividades menos prestigiosas, destinando-as a abrigar prostíbulos. Ficaram assim os pavimentos superiores de muitos sobrados ocupados pelas chamadas "pensões alegres", cujas atividades ofereciam inconfundível animação noturna à área, sem interferir nas atividades comerciais, que se desenvolviam durante o dia, sem quaisquer contratempos.

O novo e curioso uso dos sobrados também de modo algum lhes prejudicava a organização espacial primitiva, posto que os antigos quartos, amplos, apenas se viam subdivididos em compartimentos menores, à custa de paredes divisórias. Os demais cômodos mantinham-se íntegros, fossem os salões de recepção, transformados em pistas de dança, cercadas de mesas destinadas ao atendimento dos serviços de restaurante, fossem as antigas cozinhas, cujas dimensões permitiam uso dos espaços sem alterações. Os anexos, destinados aos empregados, mantinham as mesmas funções, embora alguns compartimentos tivessem sido transformados em instalações sanitárias, postas em funcionamento desde a inauguração dos serviços de águas e esgotos na cidade, em 1927.

Assim, por várias décadas, em tempos não muito distantes, um bom número de sobrados da zona central da cidade ficou preservado à custa do funcionamento de prostíbulos. As dirigentes e as hóspedes das "pensões alegres" tornaram-se guardiãs inconscientes de precioso acervo arquitetônico, pelo menos enquanto prevaleceram velhos costumes, aliás, hoje substituídos por novos modos de relacionamento, particularmente entre jovens.

Como nada mais lhes justificava a manutenção, os sobrados se viram gradativa e discretamente demolidos, para construção de obras mais rentáveis, em parte, sedes de filiais de bancos forâneos ou, simplesmente arrasados, a fim de serem ocupados por pontos de estacionamento de veículos.

5 Documentação iconográfica

De modo geral, os estudos de História da Arquitetura amparam-se no contato direto com a obra edificada ou, ante claras impossibilidades, recorrem a testemunhos iconográficos, tais como desenhos técnicos, levantamentos gráficos, gravuras, fotografias, enfim, buscam registrar imagens de uma realidade material preservada, alterada ou até destruída.

Documentação fotográfica

No caso do sobrado do Dr. José Lourenço, não se conhecem os desenhos originais do projeto. Conquanto, em diferentes épocas, a rua Major Facundo tenha sido uma das mais fotografadas da cidade, de modo geral, todas as fotografias tinham como ponto estação o Passeio Público ou a Praça do Ferreira, de tal modo que o sobrado do Dr. José Lourenço nelas sempre aparecia distante, embora seu volume avultasse entre o casario. Para cotejo das eventuais alterações impressas à forma do sobrado, parece subsistir apenas uma foto, incluída na solicitação de tombamento, pouco nítida, extraída de um trabalho de Mozart Soriano Aderaldo (ADERALDO, 1959: 346-7), e comentada um pouco mais adiante.

Documentação gráfica

Desde seus primeiros anos, há quatro décadas, a Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará desenvolveu pesquisas concernentes à arquitetura antiga cearense, adquirindo especial relevo o programa de documentação gráfica das obras de maior interesse.

O sobrado do Dr. José Lourenço, entre muitas edificações, mereceu especial atenção, comprovada no levantamento gráfico *nº 15 / desenhos nºs 76-80,* datados *de junho de 1969* e executados pelos então universitários, hoje arquitetos, Amaurício Pereira Cortez e Wesson Monteiro Nóbrega. Com a devida permissão do Arquivo Iconográfico do Departamento de Arquitetura de Urbanismo da Universidade Federal do Ceará e dos autores do trabalho, cópias dos desenhos do levantamento seguiram anexadas ao pedido de tombamento. Caso necessário, essa documentação gráfica poderá ser reproduzida quando em trabalhos oficiais, apenas e todavia, sob a condição de serem assinalados os autores do levantamento e o órgão público que os preserva, de conformidade com os preceitos legais e éticos que regem a matéria.

O fato de ter sido o levantamento executado há 35 anos, no tempo em que o sobrado se encontrava em uso e ainda com relativas condições de preservação material, permitiu a formulação de várias hipóteses de anterior organização física do imóvel.

6 Forma, sistemas e elementos construtivos vigentes na época

A análise da edificação, ora intentada, baseia-se apenas na foto e nos levantamentos gráficos acima mencionados, à parte o exame visual dos exteriores do sobrado, agora levado a efeito. Temores quanto à estabilidade do imóvel levaram à sua interdição temporária, pelo menos até quando forem tomadas medidas mínimas necessárias à segurança. Por tal motivo, no momento, o sobrado não pode ser visitado, desconhecendo-se, portanto, não apenas o real estado de conservação dos seus interiores mas

também eventuais alterações introduzidas após a execução do levantamento gráfico.

Em face das circunstâncias, os comentários se limitam, pois, à atual aparência do sobrado, considerando particularmente os alçados, já que a apreciação das partes internas se restringe a suposições, formuladas com a ajuda das plantas e dos cortes mostrados no levantamento. Deste modo, a tentativa de interpretação das plantas é conjetural, sustentada pela hipótese de que os espaços originais do sobrado se mantiveram desde então inalterados.

Volumetria

No passado, não apenas os sobrados mas as casas térreas bem como outras tipologias habitacionais constavam basicamente de um núcleo maciço, espécie de paralelepípedo encimado por coberta prismática, de duas, três ou quatro águas, sólido que definia a volumetria da edificação. Na parte interna do lote, ocupando área maior ou menor, agregavam-se ao sólido, como apêndice, os compartimentos de serviço, cobertos com meias águas, cujo eventual encontro das abas ficava resolvido com o uso de rincões.

O sobrado do Dr. José Lourenço apresenta-se, portanto, como um paralelepípedo, que compreende os três pavimentos da edificação, coroado por uma coberta prismática de telhas de canal, dispostas em quatro águas. A esse volume geometricamente definido foi acoplado um apêndice de dois pavimentos.

A distribuição dos espaços que constituem o sobrado consta dos respectivos documentos gráficos, e vai descrita adiante, no item intitulado *plantas e cortes*.

Alçado frontal

O exame da fachada de frente do sobrado do Dr. José Lourenço conduz às seguintes observações:

• edificação com três pavimentos, avultando como um dos mais altos da cidade antiga.

• claro atendimento às aspirações estéticas vigentes em meados do século XIX, consubstanciadas na predominância dos vazios sobre os cheios, conferindo elegância à edificação; a verticalidade da fachada fica contrabalançada, nas partes mais elevadas, com faixas horizontais de azulejos portugueses em relevo, de tonalidade amarela, superpostos a franjas do mesmo material. No nível do 2º pavimento, as referências de horizontalidade são conferidas pela bacia da sacada corrida.

• opção por uma linguagem neoclássica à brasileira, ou melhor, por um vocabulário neoclássico, constituído de:

- coroamento da fachada com frontão triangular, cujo tímpano aparece preenchido por motivos ornamentais fitomórficos em relevo. O frontão exibia outrora uma estatueta no vértice e dois vasos, ditos de coroamento, no alto da prumadas dos cunhais bem como possuía duas gárgulas ("jacarés") destinadas à descarga das águas pluviais da coberta, peças todas estas ainda entrevistas na fotografia antiga do sobrado. Estatueta, vasos e gárgulas desapareceram. O tímpano parece ter sido pintado de azul, não se podendo afirmar que se trata de cor original, dúvida a ser esclarecida quando forem realizadas prospecções.
- janelas de sacada no 2º pavimento, com bacias apoiadas em modilhões, e janelas de peito no 3º pavimento, todas dispostas em prumadas e arrematadas por padieiras horizontais envolvidas por arcos plenos. As bandeiras dessas janelas são maciças, isto é, foram entaipadas e substituídas por imitações de panos de vidro, ornamentadas com desenhos geométricos de composição radial. Os vãos das janelas recebem contornos de azulejos estampilhados portugueses, azuis e brancos, apoiados em impostas que se alargam horizontalmente à guisa de cimalha, abraçando a fachada.
- folhas das janelas beneficiadas com venezianas. As folhas das janelas de rasgo têm almofadas de vidro no alto e almofadas de madeira na parte inferior, enquanto as das

janelas de peito não possuem panos de vidro. Vistas de longe, conquanto antigas, não se afiguram originais. As últimas, na verdade, mostram dois desenhos. Todas perderam a cor primitiva, talvez verde, o que somente poderá ser confirmado após a competente prospecção.

- cunhais erguidos sobre plintos arrematados com cornijas de desenho popular. Sobem até o frontão, à guisa de pilastras forradas de azulejos portugueses, estampilhados. As peças nas cores azul e branco obedecem a um motivo até a altura da cornija de integração das vergas do 2º. pavimento, enquanto aparecem aplicadas, por superposição de desenho, no restante dos cunhais.
- pavimento térreo com três portas, abertas sobre paramento tratado como imitação de aparelho de pedra, estendido sobre uma barra de defesa resolvida com reboco grosso. Impõe-se lembrar que a foto antiga do prédio, certamente da primeira década do século XX, mostra duas portas largas, encimadas por arco de meia volta, este vedado com gradil de ferro. Não se sabe qual das duas soluções é original, dúvida talvez dirimida quando foram realizadas prospecções no imóvel. As três portas vistas no levantamento estão atualmente transformadas em um único portão largo.
- paramento dos andares superiores da fachada rebocado e talvez pintado originalmente de ocre amarelo. Sobre a verga da janela de rasgo central do 2º pavimento foi aposta uma espécie de coroa, em cujo interior parece ter havido indicações escritas. Nos mainéis, que separam essas janelas entre si e dos cunhais, foram aplicadas pequenas rosáceas.

Alçados laterais

• fachadas laterais tratadas como se o sobrado estivesse isolado de suas divisas:

- As fachadas laterais apresentam o aspecto singular de não se desenvolverem em empenas cegas, solução co-

mum aos sobrados erguidos em trecho central dos quarteirões da cidade. Bem ao contrário, receberam tratamento que as integra à fachada de frente, seja pelo prolongamento da platibanda, que contorna toda a edificação, seja pela abertura de um correr de janelas de peito, semelhantes às de frente, que deitam sobre os telhados das casas vizinhas! Este hábito, hoje ilegal e estranho, proibido pelo código civil, era entretanto comum no século XIX, como pode ainda ser observado em cidades interioranas cearenses.

As cornijas que dividem em panos a fachada de frente, também prosseguem pelas fachadas laterais, acompanhadas por frisos de azulejos. O correr de janelas abertas no 2º pavimento fica todavia interrompido pelas empenas dos prédios vizinhos, particularmente pela edificação de nº 160, obra já nova, que foi erguida ao longo da fachada sul do sobrado. O desenho de *registro nº 81*, do levantamento gráfico do sobrado, apresenta vasos de coroamento, os quais, por ocasião dos trabalhos de medição, ainda encimavam ambos os cunhais da fachada norte.

Plantas e cortes

Como as visitas ao sobrado estão interditadas, a análise conjunta de plantas e cortes mostrados nos desenhos do levantamento gráfico surge como a única solução de que se dispõe, no momento, em favor de uma recomposição dos espaços internos da edificação.

Pavimento térreo

Habitualmente, o pavimento térreo dos sobrados sempre compreendia um saguão ou corredor, onde nascia a escada, e um salão contíguo, destinado a atividades comerciais ou a outros usos sem valia social. Diferentemente, porém, o sobrado do Dr. José Lourenço mostra aspecto pouco comum, pois, apesar ocu-

par lote estreito, conta com uma escada de ida e volta com largura significativa para os padrões da época (em torno de 1,20m) desenvolvida em um saguão amplo e profundo, aliás subdividido em dois espaços, por um arco. A largura (2,65m) desse átrio, conquanto não muito generosa, mas rara no Ceará, reduzia a área restante do pavimento, na qual, à época de realização do levantamento gráfico, funcionava uma fábrica de guarda-chuvas. Não parece todavia provável que o pavimento térreo tivesse exercido funções comerciais em seus primeiros dias. Talvez servisse de consultório ou local de recepção de clientes ou correligionários não participantes da intimidade familiar do proprietário, pois não podemos esquecer de que o Dr. José Lourenço era médico e ocupava posição de prestígio no mundo social e político da cidade. Esse fato por certo pode explicar a pouca largura exigida pelo compartimento usualmente ocupado por loja ou armazém, cujo espaço ainda ficava subdividido pela introdução de um amplo arco, criando uma espécie de bipartição destinada, uma parte, à recepção, e outra, ao trabalho.

O acesso ao trecho posterior do pavimento fazia-se tanto pelo salão como por sob a escada, ou melhor, sob o patamar de descanso, que ficava a um nível de 2,40m (metade do pé direito do compartimento). Esse trecho posterior do pavimento se compunha de inúmeros pequenos cômodos, destinados à dormida de serviçais e depósitos, como era comum em habitações de porte. Um deles, porém, ficava ocupado por uma escada secundária que fazia a interligação do térreo com a zona de serviço da casa, localizada no 2º pavimento. Todos esses compartimentos da parte posterior do sobrado, tanto no térreo como no 2º pavimento, estavam voltados para um pequeno pátio interno, não se sabendo se de todo integravam o plano primitivo do sobrado ou se constituíam apêndices.

Ao que tudo indica, na origem, o lote tinha fundos correspondentes, de sorte que a metade posterior do terreno servia de quintal, com portão aberto para a rua Formosa (Barão do Rio Branco), por onde entravam pessoas, suprimentos, animais de sela ou talvez algum cabriolé. Somente assim se explica a ele-

vada taxa de ocupação do atual terreno, praticamente coberto pela edificação. O pequeno pátio acima mencionado, talvez outrora integrado ao quintal, é o único espaço livre que resta da disposição espacial antiga do sobrado. Como a parte posterior do terreno, isto é, o quintal, foi vendida, os cômodos de serviço do sobrado chegam atualmente até a divisa de fundos do lote.

Como ainda se pode observar em recentes plantas cadastrais da cidade, o lote mantinha fundos correspondentes com atual casa da rua Barão do Rio Branco nº 665, extensão imobiliária comum na cidade antiga e de que também se beneficiavam todos os lotes do quarteirão. Houvesse condições financeiras, seria interessante que o Estado adquirisse esse imóvel voltado para a Rua Barão do Rio Branco, não apenas a fim de restabelecer as relações espaciais primitivas da edificação, mas também com o objetivo de facilitar os acessos ao sobrado, tendo em vista o ambiente congestionado do atual centro da cidade.

Segundo pavimento

Os segundos pavimentos dos sobrados e de outras moradas senhoriais habitualmente funcionavam como um *piano nobile* da edificação, isso é, aquele onde transcorria a vida dos proprietários e onde se realizavam as atividades de caráter social. O 2º. pavimento do sobrado do Dr. José Lourenço consta basicamente de três grandes compartimentos. Um deles, o maior, voltavasse para a rua, valorizado por janelas de rasgo, com ombreiras ensutadas, servidas por uma sacada de centro abaulado que cruza toda a frente da edificação, sacada defendida por gradil de ferro chato, organizado em desenhos. Esta sala, por suas amplas dimensões (7,45m x 5,45m) e por sua localização, devia funcionar como espaço de recepção das visitas. A sala disposta na parte central do pavimento, talvez originalmente iluminada e ventilada por janelas depois emparedadas, seria o quarto do casal, enquanto a sala posterior figuraria como "primeira sala de jantar", compartimento de aparato, utilizado em ocasiões especiais. Na verdade, nas casas maiores, as refeições cotidianas eram de fato realizadas na chamada "segunda sala de jantar", cômodo avarandado, às vezes aberto, quase sempre uma espécie de alpendre situado já fora do corpo

da edificação. Ficava próximo dos apêndices de serviços, com os quais se relacionava. A duplicidade de salas de refeições era aliás comum na morada burguesa cearense ainda nas primeiras décadas do século XX. No sobrado do Dr. José Lourenço, tanto a segunda sala de jantar como a circulação de serviço, avarandada, recebiam tratamento especial, talvez beneficiadas por um correr de esquadrias, como aparecia numa ou noutra casa fortalezense de porte, construída nos anos finais dos oitocentos.

Terceiro pavimento

O terceiro pavimento desenvolve-se totalmente no paralelepípedo nuclear da edificação, superpondo os seus compartimentos aos do segundo pavimento. As diferenças físicas recaem apenas na fenestração, agora efetivada por meio de janelas de peito, estas abertas para as quatro faces do sobrado, isto é, três para frente, outras três, para os fundos, e sete, em cada fachada lateral, estas últimas lançadas sobre os telhados dos vizinhos.

Não se sabe exatamente que uso teriam esses cômodos durante o período residencial do sobrado, quando provavelmente se destinavam a dormitórios. A parede interna da sala de frente recebeu uma arcaria, gerando interpenetração de espaços, solução para a qual não se vislumbra justificativa clara. As atividades exercidas nos tempos de "pensão alegre" exigiram que os três amplos compartimentos deste andar fossem subdivididos por paredes divisórias, resultando em nove quartos menores, como mostra o levantamento gráfico.

O lanço da escada que dá acesso ao terceiro pavimento não seguiu a disposição do tramo inferior, que liga o térreo ao segundo pavimento. Enquanto este último foi desenvolvido em dois lanços, com inclinação de perfeita conveniência, na verdade semelhante à hoje comumente adotada, com degraus em torno de 28cm x 17,5cm, o tramo da escada que conduz ao terceiro pavimento conta com um só lanço, bastante íngreme, pois sobe segundo um ângulo de 45° ! A manutenção desse lanço será,.sem dúvida, um problema com que deparará o projeto de adaptação do sobrado a novas funções.

Especulações e hipóteses

Analisados espaços e componentes físicos do sobrado, em termos do quadro da arquitetura cearense, talvez seja possível externar algumas considerações sobre aspectos poucos usuais da edificação, alguns deles já mencionados.

A solução arquitetônica adotada no sobrado do Dr. José Lourenço deve ter mantido alguma correlação com a largura do lote, não muito ampla, de pouco mais de oito metros. Sem dúvida, as aspirações do proprietário, cuja vida política, profissional e social exigia a oferta de certos espaços de aparato, somente poderiam ser atendidas por um projeto cujo partido admitisse a superposição de plantas. Assim se explicaria a construção de um sobrado de três pavimentos, solução arquitetônica pouco comum, não apenas na Fortaleza, como quase totalidade das cidades brasileiras do período (excluam-se Salvador, Recife e, de um certo modo, São Luís).

A coberta em quatro águas, aplicada numa edificação situada em meio de quarteirão, constituía outro dado raríssimo no Ceará, embora comum no Rio de Janeiro (e em Portugal, já em épocas bem distantes). Entretanto, o elemento de maior diferenciação para com outras obras fortalezenses do período recai no frontão que encima a fachada da edificação. E não apenas pelo tipo do coroamento, em si, mas por suas proporções, ao baixo. A relação entre altura e largura, com que o frontão do sobrado se apresenta, não caracterizava as obras dos antigos alunos da Escola Central da Corte, seguidores das regras do Vignola ou admiradores do despojamento formal preconizado pelo Durand. Ao contrário, o emprego de frontões com abas de caimento pouco inclinado tinha maior aceitação por parte dos arquitetos diplomados pela Academia Imperial de Belas Artes, antigos alunos de Grandjean de Montigny, instalador do curso de arquitetura daquele estabelecimento de ensino profissional, no ano recuado de 1827. E, mais ainda: esses frontões ao baixo nas mais das vezes encimados por elementos escultóricos, enquanto os seus tímpanos recebiam relevo decorativo, tal como exatamente se vê no sobrado do Dr. José Lourenço.

Todas essas particularidades despertam a atenção do observador, particularmente quando se considera que o Dr. Lourenço foi educado no Rio de Janeiro, cidade de cujo meio político, científico e cultural participava como político e médico e de onde era natural sua esposa. Vale, portanto, por via de conseqüência, perguntar se o projeto do sobrado teria sido projetado na Corte? Contaria com o risco de algum arquiteto oriundo da Academia Imperial de Belas Artes? Se não de todo o projeto completo, mas pelo menos da fachada de frente? Em caso afirmativo, o sobrado constituiria algo novo no campo do chamado neoclassicismo cearense, cujas obras mais significativas, como se sabe, sempre estiveram a cargo de estrangeiros ou de projetistas ligados à Escola Central da Corte.

Estas especulações não passam, todavia, de hipóteses que provavelmente jamais virão a ser comprovadas. Nada custa porém externá-las.

Dimensões e áreas do sobrado

O sobrado do Dr. José Lourenço localiza-se na Rua Major Facundo nºs154/156, entre as ruas Senador Alencar e Castro e Silva, distando desta última aproximadamente 30 metros, conforme planta de situação anexa ao pedido de tombamento. Em números aparentes, a confirmar, o terreno mede 8,30m por 40,77m, compreendendo uma área de 338,38 m².

Para melhor avaliação das dimensões e das áreas totais e úteis do sobrado do Dr. José Lourenço, elaborou-se um quadro de dados pertinentes:

Pavimentos	área útil / m²	área total / m²
1º pavimento (térreo)	227,01	316,20
2º pavimento	233,87	311,50
3º pavimento	130,85	165,88
Totais	591,73 m²	793,58 m²

A área ocupada por paredes corresponde a 201,85 m², isto é, 793,58m² de área total, menos 591,73m² de área útil.

Salvo ocasional engano nas medidas, a área de 201,85 m², ocupada pelas paredes, atinge o elevado índice de 27 % da área construída, muito elevada, em termos atuais. Vale contudo lembrar que o sobrado possui estrutura autoportante, constituída de grossas paredes de tijolos brancos, contraventadas por vigamento de madeira, no piso e na coberta.

7 Considerações finais

A interdição do sobrado a visitas bem como a falta de alguns dados objetivos sobre o seu passado não constituem, em si, entraves à instrução do processo de tombamento ora solicitado, que se norteia pelo *hinc et nunc*, quer dizer, pelo que é encontrado, pelo que se vê, pelo *aqui e agora*. No caso, importa antes de tudo considerar o valor da edificação e seu significado nos quadros da arquitetura cearense, seja quanto à época de sua construção, seja quanto à tipologia ou, quanto ao fato, por assim dizer, inacreditável, de se ter mantido relativamente íntegra até os dias atuais. A autoria do projeto e data precisa da construção constituem dados preciosos para a recomposição da história de um edifício. Por certo, esclarecem dúvidas, mas nada acrescentam materialmente à obra.

Da sanha destrutiva que dizimou o acervo de sobrados fortalezenses, chegaram ao presente pouquíssimos exemplares, entre os quais se destaca aquele que pertenceu ao Dr. José Lourenço. Este fato entre outros, apóia a presente solicitação de tombamento.

Embora faltem dados ou pairem dúvidas concernentes à sesquicentenária história da edificação, de qualquer modo, o conjunto de informações ora arroladas parece suficiente para assegurar a tramitação do processo. Por estas razões, com a devida vênia, o processo foi encaminhado à elevada consideração da Secretaria de Cultura, a fim de ser enviado ao Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, para avaliação e, caso se justifique, redundar em atendimento ao pleito.

Anexos à solicitação de tombamento:

Acompanharam a solicitação de tombamento os seguintes documentos:

- Índice da matéria exposta
- Bibliografia
- Planta de localização
- Planta de situação
- Cópia de fotografia antiga do sobrado
- Cópia de levantamento gráfico (seis desenhos)
- Fotografias atuais da edificação

Bibliografia

ADERALDO, Mozart Soriano. Percorrendo a rua da Palma. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 73: 347-349, 1959.

BEZERRA DE MENEZES, Antonio. Descripção da cidade da Fortaleza. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 9: 147-290, 1996.

CASTRO, José Liberal de. Cartografia Cearense no Arquivo Histórico do Exército. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 111: 51-52, 1997

GIRÃO, Raimundo. Notas. In: BEZERRA, Antônio. *Descrição da cidade da Fortaleza*. Fortaleza: UFC / PMF, 1992.

KOSTER, Henry. *Travels in Brazil*. London, Longman, Hurst, Rees, Orme & Brown, 1816.

OUTRO ARAMAC [João Brígido]. Fortaleza de 1845. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 72: 235, 1958

PORDEUS, Ismael. Fortaleza – casas e ruas numeradas. Fortaleza, *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 77: 335-352, 1963.

STUDART, Guilherme, Barão de. *Diccionario Bio-bibliographico Cearense*. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1913.

Datas e Factos para a História do Ceará. Fortaleza, Typographia Studart, 1896.

Fontes Iconográficas

Levantamento gráfico:

Arquitetos Amaurício Pereira Cortez e Wesson Monteiro Nóbrega, 1969.

Fonte: Arquivo Iconográfico do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará.

Foto da edificação:

Arquiteto Gastão Santos Sales, 2003.

SUMÁRIO

Este trabalho reproduz o texto da solicitação endereçada pelo autor à Secretaria de Estado da Cultura, em favor de se examinar a possibilidade de vir a ser inscrita, nos Livros de Tombo do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, a edificação localizada na rua Major Facundo, nºs. 154 / 156, em Fortaleza, mais conhecida como Sobrado do Dr. José Lourenço. O pleito de tombamento ampara-se nos seguintes fatos: evidente mérito arquitetônico da edificação; valioso exemplar remanescente de uma tipologia arquitetônica quase desaparecida na cidade; precariedade na conservação do imóvel; referência para a história judiciária do Ceará; recentes entendimentos feitos para aquisição do imóvel pelo Governo Estadual, sem dúvida, em face das razões acima arroladas. O trabalho tenta contextualizar estética e espacialmente a edificação na Fortaleza de meados do século XIX. Também procura analisar tanto a forma arquitetônica como os elementos construtivos e ornamentais que a caracterizam, filiando-a às correntes neoclássicas vigentes na época.

SUMMARY

This work reproduces letter addressed, by the author, to the Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, suggesting to include, in the Livros de Tombo do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, the building better known as Sobrado do Dr. José Lourenço, located on 154-156 Major Facundo street, in the city of Fortaleza (Brazil). The request is based on the following evidence: its significant architectural value; one of a few remaining representative examples of a building architectural style which virtually vanished from Fortaleza; the precarious condition of the building; its importance to the judiciary history of Ceará; recent agreements made by the state government related to the acquisition of the property, certainly motivated by the reasons stated above. The work intends to place the building in the aesthetic and urban context of Fortaleza in the mid 19th century. It also tries to analyse its architectural form, and its constructive and ornamental elements, linking it to the neo-classical trends then in use.

Tradução: Arquitetos Ricardo Figueiredo Bezerra e José da Rocha Furtado Filho.